

TRANSPARÊNCIA E SADISMO NA MODERNIDADE PORNOGRÁFICA

Wellington Lima Amorim¹
Daniel Fraga²

RESUMO: Este artigo explora o conceito de transparência desenvolvido por Byung Chul Han e como ele se manifesta em uma modernidade cada vez mais pornográfica. O autor resgata o conceito de libertinagem, considerado a pedra angular do pensamento iluminista, que inaugura a modernidade e está literariamente entrelaçado na obra do Marquês de Sade. Logo, essa modernidade pode ser descrita como sádica.

Palavras-chave: Transparência, modernidade, pornografia, libertinagem, iluminismo

ABSTRACT: This article explores the concept of transparency developed by Byung Chul Han and how it manifests itself in an increasingly pornographic modernity. The author rescues the concept of libertinism, considered the cornerstone of Enlightenment thought, which inaugurated modernity and is literary intertwined in the work of the Marquis de Sade. Therefore, this modernity can be described as sadistic.

Keywords: Transparency, modernity, pornography, debauchery, enlightenment

Este artigo tem a intenção de demonstrar como o conceito de transparência, desenvolvido por Byung Chul Han, apresenta características sádicas em uma modernidade cada vez mais pornográfica. Para isto foi resgatado o conceito de libertinagem como pedra angular do pensamento iluminista que irá inaugurar a modernidade estando entrelaçado literariamente na obra do Marquês de Sade que pode ter lançado as bases de uma sociedade que podemos denominar como modernidade sádica. Assim a modernidade transforma toda e qualquer relação em consumo. Sendo a fluidez a principal característica marcada por um eterno devir, abrindo espaço para um narcisismo consumista que busca o desvelamento pornográfico do Outro exigindo total transparência. Ou seja, homem moderno se exacerba pornograficamente.

Ser libertino significa dizer que se é um ex-escravo, livre de regras, condutas sociais. Por outro lado, pode ser considerado um personagem austero, materialista, sem religião ou crenças. Muitas das vezes tinha a doutrina de Epicuro como norte e referência no exercício de sua liberdade. Sendo assim, a busca da verdade e do prazer na vida libertina compõe uma unidade original e indissociável. Mas o que isto realmente significa? Quer dizer que

¹ Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

² Doutor em Letras com Ênfase em Teoria da Literatura pela PUCRS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituição. E-mail: daniel.mitsein@gmail.com

existe uma associação permanente entre a libertinagem erudita e a dos costumes, e que têm por finalidade desconstruir a moral e a política do antigo regime. No centro da libertinagem estão conceitos como prazer e dor, ou melhor, tudo é reduzido ao determinismo das sensações. Os libertinos partem do conceito de uma natureza, que não possui nenhuma conotação moral. Realizam um spinozismo radical, em uma épica onde muitos acabam por fazer apologia à sexualidade livre, incesto, onanismo e práticas sexuais consideradas bestiais:

Nada se produz na natureza que se possa atribuir a um defeito próprio dela, pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma, em toda parte, sua virtude e sua potência de agir. Isto é, as leis e as regras da natureza, de acordo com as quais todas as coisas se produzem e mudam de forma, são sempre as mesmas em toda parte. Conseqüentemente, não deve, igualmente, haver mais do que uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas, quaisquer que sejam elas: por meio das leis e regras universais da natureza. (SPINOZA, 2017, p. 98)

O papel da libertinagem e do dispositivo pornográfico, entre os libertinos, é capturar o leitor e demonstrar que não há nenhum pecado ou desvio na conduta humana. Todo desejo está em conformidade com a natureza em si. As novelas, romances, poemas libertinos tinham a finalidade de denunciar o artificialismo da civilização ocidental e desmoralizar o antigo regime, considerado corrupto e inepto. Tem por projeto divulgar os ideais do iluminismo e utiliza-se do dispositivo pornográfico para desconstruir os valores da religião cristã. Sempre entre uma orgia ou outra, entre a prática do sexo oral ou anal, há uma pausa pedagógica onde se procura demonstrar que todos os dispositivos institucionais são artifícios, construções que precisam ser abolidos. Por outro lado, os libertinos buscam divulgar uma nova moral secular, que tem por princípio a transparência. É importante lembrar, contudo que a transparência e o explícito nunca foram considerados conceitos que poderiam nos alçar ao belo e ao sublime. Desde Platão, passando pelos neoplatônicos, o belo sempre esteve ligado ao sagrado, escondido, velado. A nudez ou o explícito, é para os cristãos: “*signatura teológica indissociável*”. (AGAMBEN, 2010, p. 97) O dispositivo pornográfico quer nos libertar do dispositivo teológico. Os libertinos desejam corpos obscenos, violentamente desvelados e dizem não a corpos sublimes e inacessíveis:

É por isso que o sadista usa de todos os recursos possíveis para fazer com que a carne se manifeste, para fazer com que o corpo do outro assuma violentamente tais posturas e posicionamentos que escancarem sua obscenidade, manifestem sua perda irrecuperável da graça e do charme. (AGAMBEN, 2010, p.127)

Isto se dá porque a libertinagem erudita e de costumes possui uma meta: procura alcançar uma verdade inacessível. Os libertinos se colocam em um *des-envolvimento* objetivo e sem maiores rodeios. Na literatura libertina a principal meta a ser atingida é o defloramento, um *des-envolvimento* do espírito que busca em última instância um *des-encobrimento*. O que isto – o des-encobrimento? O prefixo *des* refere-se a uma separação ou ação contrária. Logo, *des-envolver* é negar qualquer tipo de envolvimento, ou ainda, *des-cobrimento* é retirar o véu que cobre algo. Isto significa que *des-cobrir* é explorar, deflorar, *des-virginar* integralmente o outro. Por exemplo, se tem na literatura libertina a obra: *Teresa Filósofa*³. Seu tema central é o defloramento, um romance com finalidade, teleológico, fruto do desejo de conhecer. *Teresa*, a personagem central do romance, somente será deflorada quando estiver em plena consciência de si, por alguém que se desenvolveu espiritualmente e possui a Verdade absoluta. Antes de tudo, *Teresa Filósofa* é uma obra de iniciação filosófica.

Que iniciação é esta? Denomina-se materialismo e tem por referência um determinismo radical. Mas, o que difere a libertinagem erudita e de costumes em *Teresa*, de Sade? É interessante observar que a iniciação de *Teresa* se dá a partir de um bom tratamento com o outro, de uma ética, onde as mulheres, em uma orgia, por exemplo, não podem engravidar, bem como a advertência de que se devem respeitar as leis sociais. Logo, *Teresa é conservadora*: “Várias vezes ouviremos, inclusive na conclusão, que devemos liberar nossos prazeres, mas tendo cautela de não por em perigo a máquina social”. (RIBEIRO, 1997, p. 17). A liberdade entre os libertinos iluministas se diferencia da liberdade de Sade exatamente neste ponto. Assim como Kant impõe limites a razão, os libertinos concordam em dar vazão aos seus prazeres desde que obedeçam aos limites que o coletivo social impõe aos indivíduos:

³ *Teresa Filósofa* é o romance de formação de uma jovem tão inocente quanto disposta a fazer render todas as lições de luxúria de seus preceptores. A autoria do livro, secreta, hoje é atribuída ao senhor Jean Baptiste de Boyer, o marquês d’Argens, nascido em 1704 e morto em 1771, um pouco antes da Revolução Francesa.

É evidentemente o aspecto do pensamento moral da ilustração com que os escritores libertinos tinham afinidades fortes. Em todos eles, o tema principal é a inocência dos sentidos, a naturalidade do prazer. Cedendo a nossos impulsos, não fazemos outra coisa senão satisfazer paixões e apetites que a natureza colocou em nós. Todas as formas de erotismo são admissíveis, nenhuma é contra a natureza, porque todas derivam de desejos implantados em nossa organização psíquica e física pela própria natureza. Mas também os autores libertinos reconhecem que a auto-realização erótica precisa levar em conta os interesses da sociedade. Basta, para isso, praticar os prazeres discretamente, e não estender a todos os homens direitos que só podem ser exercidos sem consequências antissociais por um pequeno número de indivíduos – os “*que sabem pensar, e cujas paixões se equilibram de tal modo que não deixam subjugar por nenhuma.*” (ROUANET, 1990, p. 174).

Enfim, a filosofia de *Teresa* é perigosa se for democratizada, corre-se o risco de ser má interpretada. Por isso, somente um grupo restrito é que pode ter acesso a este tipo de conhecimento esotérico. Os libertinos de *Teresa* consideram que existe certo relativismo moral, ou melhor, o que é considerado crime em algum país poder ser considerado virtude em outro, mas é necessário que existam princípios universais, *uma regra de ouro*, que sirva de referência aos homens e que não pode ser rompida. Acaba-se que um conhecido libertino, como Voltaire, intua, mesmo que primitivamente, o imperativo categórico de Kant, quando o mesmo afirma que: “*a única lei fundamental e imutável dos homens é tratar os outros como queremos ser tratados. Essa é a lei da própria natureza, e não pode ser arrancada do coração humano.*” (ROUANET, 1990, p. 174). Ou ainda, *Teresa Filósofa* busca divulgar uma:

Filosofia do homem senhor de si. É este certamente o objetivo de toda essa Filosofia praticada na alcova: mostra o homem que domina seus próprios sentimentos e paixões, que assim estiliza sua própria vida, sofisticando-a no uso que faz de seu desejo (...). É então esta a lição refinada de Filosofia erótica que propõe *Teresa*: como fazer feliz a mulher e o homem no gozo dos sentidos desculpabilizados; como manter a ordem da sociedade; como, finalmente, fazer de tudo isso, mas que uma mera série irrefletida de práticas ou técnicas, um estilo. O *ethos* aristocrático caracteriza-se, sempre, por estilizar sentimentos e atos, o que tanto significa embelezá-los quanto submetê-los a regras rigorosas: esquecemos, às vezes, que o próprio sexo e o prazer podem melhor ser vividos quando é com rigor, o que aqui significa associar, na libertinagem, o sexo ao espírito. (RIBEIRO, 1997, p.24).

Tudo isso irá mudar com Sade. O seu pensamento apresenta uma profunda ambiguidade em relação aos iluministas. Se por um lado, ele divulga os princípios fundamentais da ilustração, por outro, esse autor traz uma nova versão (*per-versão*) deste movimento social, normalizando a noção de crueldade na literatura libertina. E ainda, se os libertinos desejam a secularização, a expulsão de Deus para dar lugar a um mundo regido pela razão, Sade quer matar Deus para se transformar em um Homem-Deus. Este tem por princípio e característica a malignidade, injustiça e divindade. Esse cenário ocorre, porque somente se é livre sendo um Deus, obedecendo aos princípios universais da natureza. Com a modernidade o desaparecimento gradual dos rituais e da centralidade do Deus cristão e fez com que a razão passasse a ocupar seu espaço, exigindo luminosidade sobre todos os cantos escuros que a vida privada possa a ter: *“Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vais se desconstruindo cada vez mais a negatividade em nome da positividade”*. (HAN, 2017, p.9). Isto se chama iluminismo. Por isso, o discurso do sadismo, que nasce no século XVII, é extremamente transgressivo, busca a máxima visibilidade, consiste em jogar luz sobre tudo o que está fora de cena, ou melhor, obsceno, este exige o direito de mostrar, explicitar, pôr tudo a nu, exigindo que todos testemunhem diante de seus olhos a verdade. E quem pode duvidar de que a modernidade inaugura e se consolida a partir de movimentos espetaculares e transparentes? Exibindo de forma explícita corpos enfileirados e profanados? Não há como negar como é espetacular a produção em série realizada pelo fordismo no século XIX e a esteira de defuntos nos campos de concentração de Auschwitz:

No Terror, sob a Revolução Francesa, 10 mil vítimas pereceram. Entre maio e junho de 1793, mas de 1,3 mil pessoas foram guilhotinadas. Sob o nazismo, mas de 1,3 milhão de judeus foram executados por meio de fuzilamentos e tiros na nuca” (...) prisioneiros “eram infectados com gangrena, com tifo, alvejados com balas de veneno, forçados a saciar a sede com água salgada. Para serem enviados às câmeras de gás e crematórios”. (PINHEIRO, 2001, p. 192).

Se a modernidade exige espetacularização, ela é em si mesma um movimento sádico, pois nos coloca diante do “*entendimento sem a direção de outrem*”, isto é o *sujeito burguês liberto de toda tutela* (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 75). O que exemplifica que o princípio central da modernidade é a *positividade/atividade constante e ininterrupta*. Para que este empreendimento tivesse sucesso, a razão moderna buscou colocar a nu toda e qualquer forma de figura que se apresentasse obscura ou subjetiva, se fez necessário, profanar e liberar o homem de qualquer influência de superstição popular ou da religião do antigo regime. A luta que se seguiu foi entre sádicos e masoquistas. Reacionários românticos que se expressaram no maniqueísmo existente entre os contrarrevolucionários católicos e esclarecidos.

Se a grande Filosofia, representada por Leibniz e Hegel, descobrira também uma pretensão de verdade nas manifestações subjetivas e objetivas que ainda não são pensamentos (ou seja, em sentimentos, instituições, obras de arte), o irracionalismo de seu lado isola o sentimento, assim como a religião e a arte, de tudo o que merece o nome de conhecimento, e nisso como em outras coisas revela seu parentesco com o positivismo moderno, a escória do esclarecimento. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 78).

O esclarecimento é o longo e interminável processo de destruição e construção civilizacional, um progresso que se autodesenvolve-se por etapas, uma arquitetura onde a atividade é intensa, sem ociosidade ou inatividade, uma odisséia do espírito que parte do mais primitivo a magia, do matriarcado ao patriarcado, do politeísmo ao monoteísmo, substituindo antigas mitologias por novas, sempre buscando com isso a objetividade e *desenvolvimento* em torno de explicitar a fundamentação última da realidade, que a luz da razão seria capaz de fornecer. Como consequência tudo tem a tendência a ser tornar transparente, raso, plano e operacional, tudo é fruto do cálculo e controle, em um tempo presentificado, sem grandes dramatizações ou capacidade interpretativa, enfim: uma modernidade sádica. O trabalho do espírito na Modernidade iguala tudo, homogeneiza, passando a ser precificado, onde a transparência coage a tudo e a todos, exigindo aceleração e modificação sistêmica da vida social:

A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. (HAN, 2017, p. 11).

O totalitarismo na modernidade se apresenta na imposição da homogeneização e quantificação dos corpos, transparentes e expostos, sem ambivalências. Logo, é um mundo de informações obscenas, não havendo mais espaço para o conhecimento ou a paciência necessária a reflexão espontânea do ser humano, onde o mesmo somente pode ser concebido como simples funcionalidade. No entanto: *“Só a máquina é transparente; a espontaneidade – capacidade de fazer acontecer – e a liberdade, que perfazem com tal a vida, não admitem transparência”*. (HAN, 2017, p. 13). A vida privada é exposta nas redes na busca desesperada através de um fluxo comunicativo de total transparência. O tipo ideal na contemporaneidade é a Juliette, a heroína de Sade. Ela é pedagogicamente formada para recusar a qualquer forma de superstição. Exige a exposição, explicitação. A vida da personagem é o exemplo máximo daquele que rasga todos os contratos que fundamenta a civilização ocidental, seu instrumento é o sacrilégio e a bestialidade, enfim, a consequência deste ato se expressa na profanização: *“o gosto intelectual pela regressão, amor intellectualis diaboli, o prazer de derrotar a civilização com suas próprias armas”*. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 81). A vida passa a ser exigência de apatia, indiferença, uma sabedoria estoica e demonstrativa que normaliza a nudez e a desinibição. Qualquer espaço protegido pela discrição é profanado, jogado luz sobre, conquistado e saqueado. Esta indiferença e apatia é a principal característica da modernidade sádica. É na obra 120 dias em Sodoma que Sade demonstra um projeto onde a vida é sistemático-demonstrativa. O sádico, sempre em um tom professoral e acadêmico, apresenta, a partir da faculdade de demonstração, que seu raciocínio é um ato de violência. Com rigor, serenidade e calma, o sádico nos coloca diante da onipotência e da perfeita solidão que somente a razão é capaz de proporcionar.

O que quer o sádico? Afastar qualquer forma de desamparo que possamos vir a ter diante das contingências da vida. Desde que nascemos se experimenta a sensação de ser lançado ao mundo, que se expressa nas marcas deixadas no corpo e pela carbonização da alma, no *burnout psíquico* que se experimenta diariamente. O sádico inaugura uma guerra

contra qualquer dispositivo que venha se colocar como substituto da lei e busca viver sem a necessidade psicológica de colocar algo no lugar simbólico da representação da lei. Daí porque Freud⁴ irá dizer que Deus e as religiões são ilusões criadas pelo ser humano para suprir a necessidade psicológica do desamparo. Enfim, a violência na obra de Sade tem uma função: criar uma defesa físico-psíquica em relação ao sofrimento e o desamparo:

O elemento impessoal do sadismo e identifica essa violência impessoal com uma idéia da razão pura... É a famosa apatia do libertino, o sangue-frio do pornologista que Sade opõe ao deplorável “entusiasmo” do pornográfico. O entusiasmo é precisamente o que ele critica em Rétif de La Bretonne; ele não deixa de ter razão ao dizer (como sempre insistiu em suas justificativas públicas) que ele, Sade, pelo menos nunca mostrou o vício sob forma agradável nem alegre: mostrou-o apático. (DELEUZE, 2009, p. 22-30-31).

O que está em jogo no pensamento de Sade é olhar e imergir na mais pura negatividade. Se por um lado, o negativo ou a contradição, pode se assumir como processo, por outro, seu projeto é se fundir com o negativo que se apresenta como a mais pura contradição, onde a desordem é apenas outro lugar, onde possui uma nova ordem e leis próprias. Atingir tal estágio do negativo somente pode se dar afirmando a máxima positividade: *“Por isso a natureza original é, necessariamente, objeto de uma Ideia, sendo a pura negação um delírio, mas um delírio da razão como tal. O racionalismo não está absolutamente “cravado” na obra de Sade; ele precisou ir até a ideia de um delírio próprio da razão”*. (DELEUZE, 2009, p. 28-29). Juliette, a heroína de Sade representa o desenvolvimento moderno na expressão da Técnica e Ciência que se move sem se importar com o sofrimento humano. Sua crença é a Ciência. Seu meio é uma razão demonstrativa que se move através da lógica, coerência ou princípio da não-contradição, e que se expressa na mais moderna e nova administração que surgirá no século XIX denominada positivismo: ordem e progresso. E para que este processo desenvolvimentista atinja seu objetivo é preciso evocar um perfil funcionalista, transparente, apático, indiferente, frio e cruel diante do sofrer do outro:

⁴ FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

(...) celebra os poderosos e sua crueldade exercida “para fora, onde começa a terra alheia”, quer dizer, perante tudo o que não pertence a eles próprios. “Eles gozam aí da liberdade de toda coerção social, eles buscam nas regiões selvagens uma compensação para a tensão provocada por um longo encerramento e clausura na paz da comunidade, eles retornam à inocência moral do animal de rapina, como monstros a se rejubilar, talvez saindo de uma série horrorosa de assassinatos, incêndios, estupros, torturas, com a insolência e a serenidade de quem cometeu apenas uma travessura de estudantes convencidos de que os poetas terão agora e por muito tempo algo a cantar e celebrar... Essa audácia de raças nobres, louca, absurda, súbita, tal como exprime, o próprio caráter imprevisível e improvável de seus empreendimentos... sua indiferença e desprezo por segurança, corpo, vida, conforto, sua terrível jovialidade e a profundidade do prazer em destruir, do prazer que se tira de todas as volúpias da vitória e da crueldade” essa audácia que Nietzsche proclama, também arrebatou Juliette. “Viver perigosamente” é também sua mensagem: “ousar tudo doravante sem medo. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006. p. 83).

Importante dizer que Max Weber denomina de "**desencantamento do mundo**" o processo pelo qual a visão mágica ou religiosa é substituída por uma abordagem racional, científica e secularizada, ou seja, profanada. Na era da tecnologia, esse desencantamento manifesta-se através de seus dispositivos técnicos que são expressão da racionalidade, tecnociência, cálculo, ciências de dados e eficiência máxima que está se apoderando e desvirtuando processos e experiências de nossa condição humana. De um lado, abre espaço para novos reencantamentos, novas formas de colaboração, vozes minoritárias e marginalizadas passam a serem ouvidas, procurando significados e propósitos através da ação coletiva. De outro lado, pode ser uma ameaça a condição do homem contemporâneo, disseminando desinformação, exaustão psicobiofísica, desengajamento ético e moral que acaba por ampliar disparidades sociais e econômicas. No atual estágio civilizatório, é possível reconhecer que as ambiguidades/complexidades existentes colocam em cheque os ideais de liberdade, felicidade, utopia que a civilização ocidental que desde os gregos tentaram construir.

Esse desencantamento do mundo se agrava na era contemporânea diante da revolução digital. Tudo deve ser exposto através de dados, principalmente no mundo eletrônico que sustenta as redes sociais. A liberdade irrestrita à informação tornou-se um fetiche no sentido psicanalítico. Uma atração irresistível que se concentra

metonimicamente em um objeto, neste caso, a informação. A sociedade contemporânea corre ao redor desse conjunto de dados que expõe a realidade de maneira artificial como pura positividade. O controle alcançou tal autonomia que se permite falar de uma transparência entre todos os seres, humanos ou não. Pode-se dizer, com um bom grau de ironia, que alcançou-se o ideal de Parmênides. Hoje pode-se dizer e pensar que o ser é, mas simplesmente porque a tecnologia conseguiu apagar toda e qualquer sensação de que o nada não é. Vive-se a era do amorfo, graças à positividade sem limites que os sistemas eletrônicos constituíram na sociedade. A noção de igualdade tornou-se a régua e o compasso para o desenho de todas as imagens que podem ser geradas uns pelos outros. Imagens que explodem nas redes sociais, mas que, pela sua natureza positiva, não conseguem ultrapassar a uniformidade, pois elas sufocam tudo que é alheio, tudo o que tenha um mínimo de negatividade. Em um período em que as inteligências artificiais e a cultura digital se tornam incontornáveis há uma inflação da proximidade. Não havendo negatividade, não há diferença e, portanto, não há nada que separe as imagens umas das outras. A distância se torna corroída e o tempo perde seu aspecto processual para se dar apenas no instante.:

O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado em um presente otimizado. O tempo transparente é um tempo sem destino e sem evento. As imagens tornam-se transparentes quando despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda a profundidade hermenêutica, de todo sentido tornam-se pornográficas, que é o contato imediato entre imagem e olho. (HAN. 2019a. P.10).

A tecnologia traz uma experiência pornograficamente formal. Tudo é composto por um binarismo que impõe escolhas aparentemente livres e infinitas, mas dentro de um sistema pré-programado. Sob o título de uma permeabilidade absoluta do discurso digital, há apenas uma mesmidade nas manifestações. A atitude autêntica que se evoca como um valor a ser buscado não passa de uma subserviência à identidade do campo virtual. O ego narcísico, que habitualmente se entende como uma experiência interior, portanto como um acesso da subjetividade, é o sintoma de uma estrutura petrificada de linhas causais do mundo informacional. Este “eu”, tão valorizado, expõe apenas uma dificuldade objetiva da comunidade humana. Eros perde seu antigo antagonista, Thanatos, tão celebrado na

psicanálise: “*A pornografia serve ao mero viver exposto. É o exato contraposto de eros*” (HAN. 2016. p. 55). Agora o oposto do erótico está no pornográfico que, não por acaso, visa a planificação e esquecimento da morte. A sexualidade é destituída de seu papel milenar, aniquilada pelo poder do digital. O pornográfico se dá pela antecipação de uma imagem morta de sexo dentro da vivacidade do desejo. O erotismo resta profanado pela banalidade tecnológica. Pode-se dizer, inclusive, que a perda do erótico acompanha a perda da alteridade.

Desse modo, uma das principais consequências vivenciadas pelo mundo virtual é a sensação de desintegração social. Constituiu-se processo inexorável pela tecnologia no nível objetivo da vida e a comunicação alcançou uma imediatez que permite um contato entre todos os envolvidos do processo. O filósofo Byung-Chul Han, o principal interlocutor deste pensamento, assume que o caminho tomado pela coletividade majoritária não pode ser anulado com um retorno idílico a um passado perdido. De fato, tudo o que de alguma maneira podia ser compartilhado e relacionado está desaparecendo da prática cotidiana diante da tecnologia, mas soluções retrógradas apenas irão reforçar este aspecto da contemporaneidade. De alguma maneira, Han reconhece que há uma objetividade na conduta humana que se generaliza independente de recusas individuais. De alguma maneira ele se coaduna com aquilo que acontece no plano da Eticidade estudado e apresentado pelo filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Não importa como simplesmente se coloca uma posição pessoal ou uma opinião subjetiva diante de comportamentos objetivos que são reproduzidos e compartilhados por um grupo mais amplo.

O conteúdo objetivo da moralidade que se substitui ao bem abstrato é através da subjetividade como forma finita, a substância concreta. Em si mesma, portanto, estabelece ela diferenças que, assim, são pelo conceito ao mesmo tempo determinadas; por elas a realidade moral objetiva obtém um conteúdo fixo, necessário para si, e que está acima da opinião e da subjetiva boa vontade. É a firmeza que mantém as leis e instituições, que existe em si e para si. (HEGEL. 1997. P.141-142)

O pensador alemão encontrou neste termo a possibilidade de superação da moralidade kantiana na capacidade humana de criar instituições objetivas. Há objetivação e desdobramento do conceito da moral, o conteúdo do ético vai além das meras opiniões pessoais, pois agora o indivíduo é visto como membro de algo maior. A vontade livre de um

é mediada pela do outro, alcançando a universalização (WEBER. 1995). Em consequência disso é que se pode afirmar que as redes sociais e demais tecnologias da internet são uma concretização universal das subjetividades envolvidas. O mero desvio de um indivíduo não altera significativamente o comportamento geral do grupo. No entanto, é importante destacar que essas estruturas objetivas são de tal modo transparentes que acabam por resultar em seu oposto: uma gigantesca efemeridade. Os comportamentos sociais não efetivam a liberdade como antes, mas parecem indicar que os indivíduos estão em uma liberdade supérflua. Ser livre é ser capaz de curtir uma imagem em uma rede social ou fazer um comentário aleatório sobre outro comentário banal. Os sentimentos pessoais só passam a valer por uma exposição viral.

A coletividade configurou um mundo desprovido de mistério, vazios e ambiguidade. Tudo precisa ser captado e transformado em imagem digital. *“A mídia digital é uma mídia da presença. A sua temporalidade é o presente imediato”* (HAN. 2018. p. 35). A estrutura coletiva se faz por relações de troca de informação sem mediadores. As transmissões são unidirecionais e completamente limpas ao contato entre seus usuários. Também a capacidade de ritualização se viu enfraquecida diante da celebração do virtual. Na medida em que os grupos concretizaram suas trocas simbólicas a partir da mídia digital, perdeu-se a possibilidade de ressonância e a conjunção de forças que os grupos são capazes de gerar. O rito era um elemento de integração e transformação social, sua ausência abre espaço para a depressão diante de um excesso de positividade autêntica ou uma autenticidade positiva. Havia espaço para eventos que conquistavam um espaço sensivelmente objetivo na sociedade. Hoje o ritual se transformou em uma série desconectada de performances pessoais que produzem mais do mesmo em cada um dos envolvidos.

Nesse sentido, a perda da ritualística também é uma perda de significação social. Talvez ainda mais do que isso, a perda da magia que integra a pura diferença que pulsa no outro. Há uma perda do encantamento. Aquilo que existia com algum grau de restrição e por isso motivava a imaginação dos indivíduos, acaba cedendo lugar a um significado pessoal higienizado. A arte do passado tinha essa característica, ela era capaz de seduzir com a sua magia. No entanto ela cedeu espaço para a identidade limpa em que não há mais entraves entre significantes e significados. A forma que resistia ao olhar, perdeu os contornos e deu vazão ao significado puro:

“O invólucro mágico é retirado. As formas não dizem mais por si mesmas. Uma densificação, uma complexidade, uma ambivalência, um exagero, uma grande ambiguidade até a contrariedade, tudo isso caracteriza a linguagem das formas, dos significantes. Sugerem uma relevância sem que de pronto caiam em significados. Agora desaparecem em prol de significados e mensagens simplificadas que são entulhadas na obra de arte”. (HAN. 2021a. p 44).

À primeira vista, nem sequer a arte do mundo contemporâneo pode resistir infocracia atual. A informação alimenta, na mesma medida em que traz escassez. O excesso informacional acaba se constituindo como uma ordem própria, o que acaba servindo apenas como um misto de certeza e incerteza, sem critérios suficientes de orientação. Há uma oposição com o aspecto narrativo. Todos os esforços humanos estão destinados a serem submetidos à banalização digital para desse modo assumirem sua perda. Há uma crise dos saberes narrativos diante da exposição crua da informação. “*O percurso narrativo é estreito. Por essa razão, ele é muito seletivo e não produz nenhuma massa de informação*” (HAN. 2021b. p 19). Isso acontece porque o narrativo possui uma negatividade que impede a proliferação irresponsável de dados. Ela funciona como a memória humana: para lembrar é preciso esquecer. Os indivíduos em ambiente virtual apenas agregam dados de forma desestruturada, muitas vezes conectando-se a narrativas mais pobres como as teorias da conspiração. A busca por sentido acaba sendo relegada a um plano inferior no embate entre os números de dados.

O tipo de arte que a sociedade atual venera é exemplificada nas esculturas de Jeff Koons, uma arte de corpos lisos, objetos desprovidos de qualquer reentrância ou rugosidade. O padrão de arte obedece a cultura positiva, ela segue o que Han chama de depilação brasileira, a coerção higiênica que alisa o corpo humano. Opta-se por uma pornografia limpa que quer se livrar de uma erótica suja (HAN. 2019b). É essencial à experiência do liso a sua transmissibilidade irrestrita e independente da autonomia do sujeito. Sua capacidade deliberativa é suspendida e somente pode ser experimentada pela banalidade da curtida. Acrescenta-se ainda a perda da aura (BENJAMIN. 2017) aludindo ao fato de que o singular se despedaça; há uma destituição da presença e da contemplação, principalmente na era digital. Como já se comentou, não se trata de retomar rituais passados para a constituição de um novo iluminismo ou a preservação de uma narrativa (GARDELS. 2024). A comunidade precisa encontrar novas formas de manutenção para que a vida prossiga. A reflexão de Byung-Chul Han não é um fatalismo infantil; vislumbra-

se, senão uma forma de resistência, pelo menos uma possibilidade de desvio a partir do evento artístico. Embora enxergue que a arte perdeu o caráter ritualístico e disruptivo do passado, ainda é nela que enxerga a chance de lidar com essa contemporaneidade pornográfica.

É preciso um novo tipo de narrativa que possa estruturar a convivência, pois a cultura funda a comunidade, que se apresenta, neste caso, pelo papel da arte. Ela deve ser entendida enquanto um tipo de operação, que pode prescindir do belo (NUNES. 1999). A obra de arte é, em si mesma, um instrumento, mas sem utilidade. Um tipo de técnica que não visa nada além de si mesma e isso a torna uma forma precária no mundo. A arte ainda se caracteriza por uma multiplicidade que não pode ser contida nas intenções do seu produtor. A modernidade percebeu na experiência artística uma chance de ruptura e tensão com os valores constituídos. A arte é o reino da mudança por excelência, o local em que a perversidade pode ser exercitada para além de todos os dogmas, ainda que haja uma limitação objetiva da estrutura social. A arte ainda é um campo de transformação, mais livre do que a filosofia. Ela pode evocar o novas formas de vida. Ela faz enxergar o que antes não se via. Ela arremessa-se como contingência em confronto com a necessidade, um particular que desafia o universal. Estabelece-se uma luta completamente original que depende da capacidade humana de trazer uma concepção nova e criativa. Precisa-se, desse modo, de uma arte que se coadune com a libertinagem antes mencionada. O novo só pode surgir através de uma arte libertina.

O marquês de Sade em sua filosofia da Alcova privilegiava o poder do gozo enquanto uma ação da imaginação como parte de sua própria natureza. Como diz seu personagem Dolmancé na Filosofia da Alcova: *“Não dividamos essa porção de sensibilidade que recebemos da natureza: estendê-la é aniquilá-la (...) Que o fogo dessa sensibilidade não ilumine jamais a não ser os nossos prazeres”* (SADE. 1980. p. 47). Como não há transcendência, a de se observar o mundo hierarquizado como algo a ser vilipendiado e devorado. A blasfêmia, o sacrilégio, a impiedade e a corrupção tornam-se possibilidades criativas tão dignas quanto quaisquer outras. O obsceno pode ter muitos entendimentos, mas aqui se pode voltar a suas significações etimológicas. Trata-se de algo que não se enxerga bem, que está escondido. Também é aquilo que se coloca *sobre a sujeira*. A obscenidade, ainda, aponta para o mau augúrio, aquilo que é sentido como negativo. Em

certa medida trata-se de uma forma que se recusa a conceder, algo que está encharcado de torpeza e virulência simbólica. Uma arte libertina pode indicar um caminho de novos significados, pois não se preocupa com o liso, o positivo, o exposto e dessa forma se opõe ao pornográfico. Ela convida o erótico em toda a sua densidade e asquerosidade de modo a dar uma experiência radical de alteridade em nossas vidas. O presente artigo consistiu em apresentar o pornográfico como principal característica da modernidade, as vidas humanas são objetivada reduzindo a existência e todas as suas facetas ao puro sadismo colocando o eros em agonia. O Eu se torna narcísico e insaciável. É no espelho e nas redes que ele busca suprir seu vazio existencial. Uma modernidade pornográfica, desesperada e desesperançada à espera da morte redentora. Será possível escapar ao inefável vazio existencial do real pornográfico em seu eterno devir? Será a percepção da singularidade de cada ser uma possível resposta?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Nudez. Editora: Relógio. Portugal. 2010.

ADORNO, Theodor; W. **HORKHEIMER**, Max. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2006.

BENJAMIN, Walter. Estética e Sociologia da Arte. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DELEUZE, G. Sacher-Masoch: o frio e o cruel. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. (2009).

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GARDELS, Nathan. Byung-Chul Han expõe sua aposta na Arte. Outras palavras. Seção Descolonizações. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/byung-chulhan/> Acesso em: 10 de março de 2024.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Vozes, Petrópolis. 2017.

_____. Sociedade da Transparência. Petrópolis: Vozes, 2019a.

_____. Agonia do Eros. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. No Enxame. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. O Desaparecimento dos Rituais - Uma Topologia do Presente. Petrópolis: Vozes, 2021a.

_____. A salvação pelo Belo. Petrópolis: Vozes, 2019b.

_____. Favor fechar os olhos - Em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021b.

____. A sociedade Paliativa - A Dor Hoje. Petrópolis: Vozes, 2021c.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Princípios da Filosofia do Direito. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. 4 ed. Editora Ática, 1999.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Ética. Companhia das Letras. São Paulo. 2001.

RIBEIRO, Renato Janine. Teresa Filósofa (Prefácio). Porto Alegre.1997

ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. Companhia das Letras. São Paulo.1990

SADE, Marques de. Escola de libertinagem. São Paulo. Círculo do Livro, 1980.

SPINOZA, Baruch. Ética. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2017.

WEBER, Thadeu. A eticidade hegeliana. Veritas. Porto Alegre. Vol. 40, nº 157, p. 7-14, março, 1995.